

Elementos do microssistema esportivo: estudo em contexto de desenvolvimento de atletas de basquetebol

Sporting microsystem elements: study in the context of the development of female basketball athletes

FOLLE A, NASCIMENTO JV, GUIMARÃES JRS, NASCIMENTO RK, MARINHO A, FARIAS GO. Elementos do microssistema esportivo: estudo em contexto de desenvolvimento de atletas de basquetebol. *R. bras. Ci. e Mov* 2017;25(3):106-124.

RESUMO: Este estudo foi delineado a partir da Teoria Ecológica do Desenvolvimento Humano e buscou identificar os elementos do microssistema que contribuem para o processo de desenvolvimento de atletas de basquetebol. Participaram da investigação 31 atletas do sexo feminino e dois treinadores vinculados às categorias de formação de um Clube de Basquete do estado de Santa Catarina. A coleta das informações foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, as quais foram observadas a partir da técnica de análise de conteúdo do tipo categorial. Os resultados revelaram que as atividades molares vivenciadas pelas atletas de basquetebol correspondem tanto ao treinamento físico quanto ao treinamento técnico-tático, possuindo ambos persistência temporal e significado para treinadores e atletas. As relações interpessoais são vistas como sendo de fundamental importância para o sucesso do contexto no desenvolvimento das atletas e em competições de categorias de base; evidenciou-se que especialmente as díades observacionais e de atividade conjunta (reciprocidade e afetividade positiva) se fazem presentes, influenciando nesse processo. Além disso, enfatizou-se a presença de papéis sociais importantes destinados às atletas (em formação, de rendimento, profissionais) e aos treinadores (exigentes, professores, familiares), dependendo da categoria em que estas se encontram. Tais evidências permitem concluir que o conjunto dos elementos presentes no microssistema esportivo estudado tem possibilitado o alcance de sucesso deste contexto no desenvolvimento de atletas do basquetebol feminino no que tange à realidade desta modalidade esportiva em Santa Catarina.

Palavras-chave: Atividades humanas; Relações interpessoais; Basquetebol; Esportes.

ABSTRACT: This study was outlined by the Ecological Theory of Human Development and aimed to identify sporting microsystem elements that contribute to the process of development of female basketball athletes. Participated in the research 31 female athletes and two coaches linked to base categories of a basketball club in the state of Santa Catarina. The information was collected through semi-structured interviews and was observed using categoric content analysis technique. The results revealed that molar activities experienced by basketball athletes are linked to physical training and technical tactic training, possessing both temporal persistence and meaning for coaches and athletes. Interpersonal relationships are seen critical to achieve success in the context of athlete development and in base category competitions; it was evidenced that especially the observational dyad and joint activity dyad (reciprocity, positive affection) are present, influencing this process. In addition, they emphasized the presence of important social roles for athletes (in formation, performance, professionals) and coaches (demanding coaches, teachers, family members), depending on the category that athletes act. These evidences allow to conclude that the elements present in the sporting microsystem studied has made it possible for the achievement of success in this context of development of female basketball players regarding the reality of this sporting modality in Santa Catarina state.

Key Words: Human activities; Interpersonal relationships; Basketball; Sports.

Alexandra Folle¹
Juarez V. do Nascimento²
Juliana R. S. Guimarães¹
Raquel K. do Nascimento¹
Alcyane Marinho¹
Gelcemar Oliveira Farias¹

¹Universidade do Estado de Santa Catarina

²Universidade Federal de Santa Catarina

Introdução

A Ecologia do Desenvolvimento Humano se caracteriza como o estudo científico da acomodação progressiva entre um organismo humano em crescimento e o ambiente em que ele está inserido, desde os contextos mais imediatos até os contextos sociais considerados mais remotos^{1,2}. Os níveis do ambiente ecológico são definidos como uma “[...] organização de estruturas concêntricas, cada uma contida na seguinte”, as quais são denominadas de micro-, meso-, exo- e macrossistema² (p. 18).

Enquanto o microsistema é concebido como o espaço imediato do sujeito, o mesossistema é a união de dois ou mais microsistemas em que o indivíduo está inserido. Por sua vez, o exossistema possibilita a análise do ambiente ao qual o sujeito não está diretamente relacionado, mas que interfere na sua formação. Por fim, o macrossistema envolve ações mais amplas de ordens política e econômica que norteiam a vida social do sujeito^{1,2}.

O microsistema, nível mais interno em que a pessoa se encontra, inclui ambientes como a família, a escola, o grupo de amigos, o local de trabalho³ e é sistematizado como um padrão de atividades, papéis sociais e relações interpessoais experienciadas pelo ser humano ao longo de seu desenvolvimento^{2,3}. Essas atividades, relações e papéis envolvem tanto os aspectos físicos e sociais quanto os aspectos simbólicos que acabam por convidar, permitir ou inibir o engajamento sustentado da pessoa em atividades e interações progressivamente mais complexas⁴. No entanto, considera-se que, apesar de serem apresentados separadamente, esses elementos existem de forma integrada e interdependente, representando, assim, o contexto social que caracteriza o microsistema⁵.

Nesta perspectiva, observa-se que, para crianças e jovens que fazem parte do processo de iniciação e especialização em programas esportivos, cada contexto em que estão inseridos se torna um microsistema, ou seja, é possível enumerar vários microsistemas em que um atleta participa ativamente. Para os mais influentes na carreira esportiva, talvez sejam o contexto familiar e o ambiente onde a prática do esporte acontece⁶. O grupo esportivo, analisado como uma unidade social ou contexto, em que existe a diversidade de relações pessoais, com características psicológicas, papéis e atividades diferenciadas a serem desempenhadas, torna-se, assim, um ambiente em potencial para ser investigado a partir da visão ecológica do desenvolvimento humano^{7,8,9}.

Ao considerar o ambiente esportivo, como local primordial de desenvolvimento atlético e no intuito de contribuir com esforços de outros estudos desenvolvidos nessa área^{5,7-17}, uma vez que não se encontrou entre eles nenhum estudo que apresentasse a análise dos três elementos do microsistema (atividades, relações, papéis), esta investigação objetivou identificar os elementos do microsistema que contribuem para o processo de desenvolvimento de atletas em um Clube de Basquete feminino do estado de Santa Catarina. Para tanto, esta pesquisa está baseada no Paradigma Ecológico do Desenvolvimento Humano e, em se tratando do estudo de um ambiente esportivo, tem seu foco na análise do contexto, especificamente nos elementos do microsistema esportivo que contribuem para o processo de desenvolvimento de atletas do basquetebol feminino.

Materiais e métodos

Caracterização da pesquisa

Esta investigação empírica, com estratégia descritiva¹⁸ e abordagem qualitativa¹⁹, foi delineada por meio da Teoria Ecológica do Desenvolvimento Humano². Nas Ciências do Esporte, os estudos descritivos podem fornecer suporte importante para a compreensão do fenômeno esportivo, buscando traçar perfis e relatos, descrevendo o que, efetivamente, ocorre neste âmbito e analisando desde dados antropométricos, características fisiológicas e psicológicas dos atletas até rotinas de treinamento e competição²⁰. Por sua vez, ao considerar que, com uma única pesquisa, nem

sempre se consegue abranger todos os aspectos destacados pelo Paradigma Ecológico e que a escolha por determinados elementos deve ser justificada, sem excluir a importância dos demais²¹, ressalta-se que este estudo se centra, especificamente, nos três elementos do microsistema (atividades molares, relações interpessoais e papéis sociais). Essa opção visa a ampliar o olhar sobre o processo de treinamento ocorrido em um ambiente esportivo, apesar de se reconhecer que o mesmo é constantemente influenciado pelos demais níveis do contexto (meso-, exo-, macrosistema).

Contexto investigado e participantes do estudo

O microsistema investigado corresponde a um clube esportivo do estado de Santa Catarina, reconhecido pela sua contribuição no processo formativo de atletas femininas, integrantes de seleções catarinenses que disputam os campeonatos brasileiros de base promovidos pela Confederação Brasileira de Basketball (CBB). Destaca-se que, ao todo, o clube teve 65 convocações para seleções estaduais e sete pré-convocações para seleções nacionais de base.

Os colaboradores do estudo foram as atletas e os treinadores das categorias de base do Clube de Basquete. Foram selecionadas as 31 atletas (11 a 18 anos) que fizeram parte das equipes competitivas, as quais disputaram, ao menos, uma das competições estaduais promovidas pela Federação Catarinense de Basketball (FCB): 12 atletas sub 13 (11 a 13 anos); duas atletas sub 14 (14 anos); nove atletas sub 16 (15 e 16 anos); e oito atletas sub 18 (17 e 18 anos). Os dois treinadores responsáveis pelo treinamento das equipes competitivas também colaboraram com a investigação: treinador das equipes sub 13, sub 14 e sub 16; e treinadora da equipe sub 18.

A participação dos voluntários na investigação foi viabilizada a partir da assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido pelos treinadores, pelas atletas maiores de 18 anos e pelos pais ou responsáveis das atletas menores de idade.

Instrumentos

A coleta das informações foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com os participantes do estudo. A entrevista com as atletas abordou os seguintes temas geradores: atividades mais apreciadas e mais importantes (atividades molares), motivação e desmotivação nos treinamentos, nível de relacionamento com treinadores e colegas, acompanhamento de jogos, admiração no meio esportivo, contatos sociais, nível de exigência, nível de dedicação, incentivo e valorização demonstrados pelos treinadores (relações interpessoais e papéis sociais). Com os treinadores, a entrevista envolveu questionamentos sobre: frequência semanal e diária de treinamento, organização do planejamento e das sessões de treinamento, atividades mais enfatizadas e consideradas mais importantes para o processo de desenvolvimento de atletas (atividades molares), nível de relacionamento, nível de exigência (relações interpessoais e papéis sociais).

Procedimentos

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (1170/2010). As entrevistas com as atletas ocorreram nos locais de treinamentos (ginásios, academia), antes ou após as atividades ou, quando necessário, por incompatibilidade de horário, na casa de algumas delas. As entrevistas com os treinadores foram realizadas no departamento de esportes do município ou nos ginásios de treinamento.

Todas as entrevistas foram realizadas individualmente, gravadas e transcritas na íntegra. As entrevistas com as atletas foram realizadas em um único encontro (duração de 45 minutos a 1 hora e 30 minutos), enquanto a entrevista

com os treinadores foi realizada em dois encontros, um no início e outro ao final da temporada (com duração aproximada de 1 hora cada), no intuito de investigar o planejamento e a organização inicial do treinamento previstos para a temporada esportiva e as possíveis mudanças e o que as geraram ao longo do ano. Após a transcrição (duração média de 4 horas), elas foram entregues aos participantes para que eles efetuassem a leitura prévia e a aprovação do conteúdo. Atletas e treinadores aprovaram o conteúdo das transcrições, sendo que apenas três atletas realizaram inclusão de conteúdo em suas respostas, os demais não realizaram nenhuma consideração.

Análise dos dados

A análise das informações foi realizada a partir da técnica de análise de conteúdo do tipo categorial (pré-exploração do material, seleção das unidades de análise, processo de categorização e subcategorização²²), utilizando-se o *software* QSR NVivo, versão 9.2 (preparo dos dados, processo de codificação, análise dos dados²³). As principais categorias de análise elencadas podem ser visualizadas na figura 1:

ATIVIDADES MOLARES	
Períodos de treinamento	Básico, específico, competitivo.
Preparação técnico-tática	Conversas, aquecimento, fundamentação técnica, fundamentação técnico-tática, fundamentação tática, competição.
Preparação física	Aeróbia e anaeróbia.
Atividades enfatizadas	Fundamentação técnica, fundamentação técnico-tática, fundamentação tática, preparação física.
Atividades preferidas	Fundamentação técnica, fundamentação técnico-tática, fundamentação tática, preparação física, competição.
Atividades mais importantes	Fundamentação técnica, fundamentação técnico-tática, fundamentação tática, preparação física.
RELAÇÕES INTERPESSOAIS	
Acompanhamento dos jogos	Processo de aprendizagem e experiência, demandas de atividades escolares, residência em outra cidade, incentivo, colaboração, dicas de atuação.
Admiração por colegas	Bom desempenho técnico, conquistas individuais, esforço, dedicação.
Nível de relacionamento	Bom, ruim, pouca afinidade.
Apoio emocional	Colaboração, incentivo, elogio, motivação, assuntos pessoais.
Apoio informativo	Dicas de atuação, explicações.
Convívio social	Colegas de equipe, outras esferas da vida social.
Tempo livre	Passeios, festas, jantares, confraternizações.
PAPEIS SOCIAIS	
Atletas	Em formação, de rendimento, profissionais.
Treinadores	Exigentes, professores, pais.

Figura 1. Categorias e subcategorias de análise.
Fonte: Elaborado pelos autores (2017).

Resultados

Atividades molares vivenciadas no ambiente esportivo

A análise das atividades molares vivenciadas pelas atletas de basquetebol envolveu o foco dos treinadores (persistência temporal) e as atividades preferidas e consideradas importantes pelas atletas (significado atribuído), constatando-se que, nas sessões de treinamento do microsistema esportivo estudado, as atividades molares vivenciadas pelas atletas correspondem ao treinamento físico e ao treinamento técnico-tático. Os treinadores informaram que a ênfase do conteúdo abordado nos treinos depende fundamentalmente do período da temporada esportiva (básico, específico, competitivo). Eles destacaram que esses mesociclos são organizados e planejados em função de um ou dois macrociclos dependentes do número de competições-alvo que as equipes possuem durante o ano. No entanto, tal planejamento pode ser alterado durante a temporada, em decorrência da organização tática e/ou da capacidade técnica dos adversários, ou ainda do desempenho demonstrado pelas jogadoras da equipe nas competições ou nos jogos disputados.

Normalmente são macrociclos. [...]. Às vezes, como no caso deste ano, eu tive que fazer dois macrociclos, um para a OLESC e um para o quadrangular final do estadual. [...] período de preparação básica, período de preparação específica, depois período de competição. Toda a organização dentro do treinamento esportivo. No básico a ênfase maior é na parte física e técnica. No específico começa a entrar a parte tática junto. Diminuí um pouco o técnico, não muito, e incluí o tático. O físico como é nos horários extra-quadra, então permanece. No período de competição o físico cai bastante [...]. A ênfase maior fica no técnico e tático (Treinador A).

Quando você vem de uma rodada, de um jogo em que você avalia que algum fundamento não está fluindo como você queria, você automaticamente vai enfatizar esse fundamento. Então se não estava no planejamento, você substitui ou diminui outro e enfatiza esse de maior necessidade [...]. As alterações são muito em função do desempenho das nossas atletas e muitas vezes em função de uma tática diferente que outro time apresenta, uma defesa diferente ou uma atleta que se destaque em algum fundamento, diferente do que você estava acostumada a competir. Então é de acordo com as partidas e os adversários (Treinadora B).

No contexto investigado, os microciclos de treinamento são planejados, considerando o conteúdo a ser abordado em determinada semana. As sessões de treinamento possuem como segmento do treino, ou seja, são organizadas, seguindo uma estrutura básica: conversas iniciais, aquecimento com bola (ou sem, em algumas exceções), fundamentação técnica (fundamento individual, combinação de fundamentos), fundamentação técnico-tática (estruturas funcionais), fundamentação tática (jogadas preestabelecidas) e competição (jogo formal). A preparação física é realizada nas próprias sessões de treinamento ou em horários alternativos, sendo que o enfoque maior em um ou outro segmento depende do conteúdo em destaque.

[...] o normal, dentro da sessão é assim: começa com as explicações, com uma conversa [...] uma parte de aquecimento com bola, dependendo também da época do ano, porque aqui é muito frio e têm dias que é preciso aquecer primeiro fisicamente para depois começar com bola. Depois vai mais para a parte específica, fragmentado: arremesso, rebote, bandeja, drible, exercício de determinado fundamento [...]. Depois eu começo a colocar exercícios em que já tenha a união disso, exercícios onde se trabalha vários elementos [...]. No final vou mais para a parte tática, querendo organizar mais essa parte [...]. Em todos os treinamentos eu procuro trabalhar também contra-ataque, 3 contra 2, 2 contra 1, transição (Treinador A).

O treinador A declarou que procura trabalhar nas sessões de treinamento todos os elementos do jogo (ataque, contra-ataque, defesa), enquanto a treinadora B indicou que busca priorizar um ou outro, dependendo do conteúdo abordado na semana. Ambos evidenciaram que as atividades que eles procuram priorizar correspondem ao treinamento dos fundamentos técnicos de defesa, drible, finta e passe e fundamentos táticos de defesa.

Em todos os treinamentos eu procuro trabalhar todos os elementos do jogo, por exemplo: parte de defesa, parte de contra-ataque, parte de ataque (Treinador A).

Semanalmente, por exemplo, esta semana vou trabalhar defesa. Então os treinamentos dessa semana são baseados em defesa. A parte técnica é a que mais me fascina e eu gosto de explicar, eu enfatizo bastante a questão de drible, das fintas. Passe, eu acho que no basquete de hoje você não pode errar passe. Ando enfatizando bastante a defesa, algo que nos fez melhorar bastante. A defesa não é um fundamento só técnico, mas é um fundamento tático, a nossa forma defensiva. Trabalho bastante uma defesa agressiva [...], englobando muita preparação física, muita parte de posicionamento de perna, de braço e a postura agressiva que a gente adotou. Então de um ano para outro você tem que ir enfatizando, quanto mais passiva a tua defesa menos contra-ataque você tem e a nossa arma é a velocidade, sempre foi. Então quanto mais forte for a nossa defesa, melhor será o nosso contra-ataque (Treinadora B).

Os exercícios de fundamento individual, principalmente arremesso, bandeja e defesa, são citados como os mais apreciados pelas jogadoras. Contudo, as atividades que elas mais gostam de praticar correspondem à prática competitiva

- jogo formal (coletivo no final do treino e amistosos com outras categorias em horário de treino). As atividades que envolvem estruturas funcionais de jogo (vantagem e desvantagem numérica) e, principalmente, as jogadas pré-estabelecidas e a preparação física foram as menos citadas por elas.

Joguinho no final do treino. Eu acho que é o joguinho no final do treino. Amistosos que tem com o juvenil, nós fizemos às vezes para pegar mais ritmo de jogo. Às vezes a gente faz com as mais novas para dar ritmo de jogo para elas também (Atleta sub 16 D).

As atividades que envolvem arremesso ou aquelas que envolvem bandeja. Arremesso e bandeja (Atleta sub 16 D).

[...] três contra três, três contra dois, quatro contra três, essas atividades mais contínuas, eu acho legal, são as minhas preferidas (Atleta sub 18 E).

Apesar de o jogo formal ser destacado pelas atletas como o preferido em termos de prática, ele não aparece entre os considerados por elas como os mais importantes para o processo formativo ou como os mais influentes em seu desempenho, durante uma temporada esportiva (preferência *versus* importância). Contrariamente, as tarefas físicas e táticas, pouco citadas como atividades preferidas, possuem importante significado para o engajamento dessas jogadoras, uma vez que elas os veem como as atividades mais relevantes do processo ensino-aprendizagem-treinamento, juntamente com a preparação técnica.

O treinamento físico, citado pelas atletas como fundamental para o processo formativo, é desenvolvido, segundo os treinadores investigados, por meio de atividades de preparação aeróbia e anaeróbia, durante o ano todo. As atletas das categorias sub 13 a sub 16 participam de atividades de musculação duas vezes por semana, além de atividades de corrida duas vezes por semana, realizadas no ginásio ou ao ar livre. As atletas da categoria sub 18 trabalham a parte física, em forma de corrida, no início do ano, durante a pré-temporada, passando, posteriormente, a realizar exercícios que envolvem pico de velocidade e deslocamentos, em intervalos do horário do treinamento técnico-tático, enquanto a musculação é praticada três vezes por semana. Para tanto, destaca-se que os exercícios de preparação física ao possuírem significado e persistência temporal se tornam, também, atividades molares no processo de treinamento esportivo destas jovens atletas de basquetebol. Por sua vez, salienta-se, que para além da importância das atividades molares presentes no microsistema, reconhece-se a relevância das relações interpessoais neste contexto esportivo.

Relações interpessoais presentes no ambiente esportivo

A análise das informações contidas nas entrevistas realizadas com atletas e treinadores revelou que as relações interpessoais são percebidas como fundamentais para o sucesso no desenvolvimento de talentos esportivos. Evidenciou-se que, principalmente, as díades observacionais e de atividade conjunta se fazem presentes e exercem influência sobre esse processo de formação esportiva. Neste caso, destaca-se que uma díade existe sempre que há uma relação interpessoal, em que as pessoas prestam atenção na atividade uma da outra ou delas participam conjuntamente (observacional, de atividade conjunta, primária)^{1,2}.

No que tange às díades observacionais, notou-se grande interesse por parte das atletas por acompanharem os jogos umas das outras, como processo de aprendizagem da modalidade ou de incentivo às colegas. Entre as entrevistadas, 24 delas informaram que costumam acompanhar as partidas das demais atletas do clube, quatro indicaram que somente às vezes conseguem assistir aos jogos e apenas três não conseguem prestigiar as outras equipes. De modo similar, as 31 jogadoras confirmam que a maioria das companheiras costuma estar presente nos jogos e nas competições, torcendo por elas.

As atletas que mencionaram não conseguiram acompanhar os jogos das equipes do clube justificaram que não o fazem devido às atividades escolares ou por morarem em outra cidade, dificultando o deslocamento somente para assistirem aos jogos. Entre as atletas que privilegiam os jogos das outras categorias, observa-se que especialmente as novatas procuram assistir aos jogos para observar o desempenho das colegas (como forma de experiência e de aprendizagem), fato que, certamente, pode possibilitar a familiarização com o ambiente formativo. Essas díades observacionais, estabelecidas entre as atletas, são valorizadas pelos treinadores, os quais reforçam a importância de prestigiarem os jogos umas das outras, tanto como forma de incentivo para as que jogam quanto de aprendizagem para as que assistem. Além disso, as atletas de categorias mais elevadas sabem dessa responsabilidade e procuram, por meio de incentivo, colaboração e dicas de atuação, contribuir com o processo formativo das iniciantes, elevando essas díades para atividades conjuntas.

Porque a gente vai aprendendo o que elas já sabem. Elas já sabem como passar a bola se alguém está ali marcando. A gente não sabe e vamos aprendendo com elas. A gente olha, elas fazem, a gente vai pensando, raciocinando e fazendo (Atleta sub 13 B).

A gente vê as mais velhas que viram as mais velhas antes. A gente vai vendo elas, a gente vai pegando as coisas já passadas para elas, nós aprendemos uma coisa e vamos passando de geração em geração (Atleta sub 13 I).

Sempre que eu posso sim, porque é importante, você aprende na quadra, você aprende no banco e você aprende na arquibancada também. Então sempre que você pode ver, sempre que você pode assistir, você vai ver alguma coisa nova que você não sabe, uma jogada nova, uma movimentação nova. Então você acaba aprendendo. E é divertido demais assistir jogo (Atleta sub 16 A).

Quando a gente está jogando aqui, às vezes elas dão dicas, falam para nós o que a gente tem que fazer. Elas ajudam bastante. Na verdade eu não sei porque elas vêm, nós somos menores e elas não vão aprender com a gente, mas elas vem mesmo assim, acho que mais para nos apoiar (Atleta sub 13 L).

Gosto de prestigiar o basquete, independentemente da categoria. Acredito, que isso seja uma motivação para as meninas mais novas. [...]. Geralmente combinados entre nós, meninas da equipe, para irmos assistir aos jogos, pois sabemos da importância que tem [...], sem contar que a colaboração entre as diversas categorias é de suma importância (Atleta sub 18 A).

As díades observacionais, visualizadas nesta investigação, são reforçadas ainda pela admiração que as atletas afirmam possuir por suas companheiras de grupo. Tal admiração advém, especialmente, do bom desempenho técnico e das conquistas individuais alcançadas pelas colegas, bem como de sua demonstração de esforço e dedicação para com a carreira esportiva. Essas díades são ampliadas para relacionamentos conjuntos de reciprocidade e de afetividade, em que o companheirismo demonstrado faz com que as colegas passem a admirá-las e quererem evoluir com elas.

Elas jogam bem, eu acho que elas jogam bem.[...]. Então eu tento fazer as coisas que elas fazem. As jogadinhas que elas de vez em quando ensinam para a gente, alguma coisa assim (Atleta sub 13I).

[...] por ela ser nova e já ser titular na equipe principal, que é o adulto aqui. Então é o que todas querem e ela consegue. Ela joga bem, é bem minha amiga também. Ela se dedica bastante (Atleta sub 16 E).

Eu acho que ela é a melhor que tem no estado [...]. Ela tem um grande potencial, ela já foi convocada para a seleção brasileira e para a seleção catarinense junto comigo. Eu acho que eu aprendo muito com ela (Atleta sub 16 H).

As díades conjuntas de reciprocidade são visualizadas, nomeadamente, nas falas referentes ao apoio emocional, pautado na colaboração e no incentivo entre as atletas, bem como ao apoio informativo, em forma de dicas de atuação, principalmente das mais velhas para as mais novas, tornando-se estes apoios vetores do desenvolvimento na carreira

esportiva destas jogadoras. As atletas também demonstram valorizar esse tipo de relação interpessoal estabelecida com seus treinadores, os quais costumam disponibilizar apoio tanto emocional (elogios, incentivo e motivação) quanto informativo (dicas e explicações), o que é percebido por elas como fundamental para seu desenvolvimento. O apoio emocional percebido na relação entre os treinadores e as atletas é intensificado quando elas percebem que seus treinadores se preocupam com sua vida fora das quadras, ou seja, buscam conversar e auxiliar, dentro do possível, em seus assuntos pessoais, fornecendo apoio para além dos problemas ou das dificuldades esportivas.

Elas são legais comigo, me tratam bem, não me tratam mal porque eu sou nova ou porque eu estou indo. Elas são muito legais comigo, fazem brincadeiras. As mais velhas, elas me explicam, se eu faço alguma coisa de errado elas dizem: “faz isso, faz aquilo”, isso me ajuda (Atleta sub 13 E).

Eu cheguei e falei para ele, que não estava mais ..., que eu estava pensando em desistir, daí ele disse, que não, que eu era boa, que eu era boa atleta, jogava bem. Ele está sempre me botando para cima [...]. Ele me motiva bastante a continuar (Atleta sub 14 B).

Quando os meus pais brigavam bastante, ele sempre me apoiava. Me incentivava para não ficar triste (Atleta sub 13 A).

Ele é praticamente o nosso pai, a gente convive bastante. Ele ajuda você no basquete como ajuda você na sua vida pessoal, ele está sempre te ajudando. Porque querendo ou não ele nota quando você está triste, quando alguma coisinha acontece com você. Ele percebe o teu jeito, porque ele convive com você há muitos anos, como no meu caso, há mais de seis anos. Então ele sabe quem realmente você é (Atleta sub 16 C).

[...] onde problemas pessoais são levados a mim constantemente. Eu procuro ajudar, procuro resolver. Eu não trabalho só dentro de quadra com elas, eu trabalho 24 horas, se qualquer uma precisar de madrugada me ligar, eu vou atender, vou procurar falar com ela (Treinadora B).

As díades de afetividade positivas visualizadas são reforçadas pelos depoimentos referentes ao nível de relacionamento estabelecido entre as atletas no cotidiano de treinamento. Neste caso, 29 jogadoras revelaram que se percebem com bom relacionamento com grande parte das colegas, relação esta pautada na amizade, na união e nas brincadeiras. Além disso, a relação afetiva com os treinadores é pautada na afinidade, na amizade e na percepção de uma relação familiar.

Boa, com todas. Nenhuma que eu não seja amiga, todas, todas do time. Tanto do juvenil quanto infante, mirim e infantil são todas minhas amigas. Nós somos amigas dentro e fora de quadra (Atleta sub 16 A).

Aqui é muito bom, todo mundo se dá bem com todo mundo, tanto dentro quanto fora de quadra. Nós sempre procuramos ajudar uma a outra. Quando alguém não está bem, todas ficam incentivando. A treinadora tem uma relação, como eu disse antes, de mãe e filha, na quadra quando tem que ser cobrado ela cobra, mas ela também brinca quando pode brincar (Atleta sub 18 A).

O motivo é justamente o convívio, esse convívio com as atletas que é uma coisa meio diária, meio família, se transforma em família. Então é importante, eu gosto [...] na equipe você acaba conhecendo as particularidades, a intimidade é grande e isso é legal (Treinador A).

Apesar de 29 atletas indicarem que possuem bom relacionamento com a maioria das colegas, 14 delas expressaram que possuem pouca afetividade com algumas de suas companheiras, por terem ocorrido conflitos, em alguns momentos, e por existir determinada desconfiança em alguns relacionamentos estabelecidos. Para as mais novas, essa falta de afetividade ocorre por cobranças relacionadas aos erros cometidos e pela seriedade das mais experientes, as quais reclamam das brincadeiras em momentos inapropriados e pela falta de atenção demonstrada pelas novatas.

A relação é legal. Com algumas a gente fica meio brava, porque se a gente erra alguma coisa elas cobram [...]. Algumas são só amigas de equipe e com algumas têm bastante amizade (Atleta sub 13 K).

Com as da minha idade e com as mais novas me dou super bem, somos bem amigas. Já as mais velhas não sou muito assim, é mais ou menos. Porque elas são mais velhas [...]. Tem mais vontade de jogar, não são como nós de brincar e dar risada. Então minha convivência com as da minha idade e as menores é mais alegre, mais rindo. Com as mais velhas não é um contato ruim, só que é menor (Atleta sub 14 B).

[...] com as pequenas eu não tenho tanta afinidade. Porque eu acho tão frio treina lá em baixo, porque é todo mundo falso, todo mundo arrogante, então eu prefiro evitar de treina lá em baixo (Atleta sub 16 F).

Inconstantes, bem inconstantes. Às vezes nós estamos de boa, às vezes nós estamos super brincalhonas uma com as outras e às vezes nós estamos brigando, nos batendo, calada uma com a outra. É que são temperamentos diferentes, culturas diferentes, maneiras de se relacionar totalmente diferentes, humores diferentes, que eu me adaptei (Atleta sub 18 G).

Essas relações entre atletas experientes e novatas revelam que, em alguns casos, não são estabelecidas díades de equilíbrio dinâmico de poder em favor das jogadoras iniciantes, o que as leva a não visualizarem uma troca de conhecimentos com as mais velhas e que torna o relacionamento entre elas potencialmente negativo, no que diz respeito ao crescimento e ao desenvolvimento conjunto na modalidade. Por outro lado, algumas atletas visualizam o interesse dos treinadores em demonstrar às novatas que elas podem, sim, ser influentes em seu desenvolvimento esportivo, estabelecendo com os pares uma troca de poder que depende do interesse e da motivação de cada uma.

Com a vinda das meninas de outras equipes [...], eu e outras colegas que somos as menores, achamos que não iria ter mais lugar para nós, que seria mais um obstáculo para a gente enfrentar. Então eles conversaram conosco e falaram que não, que a gente já estava no time antes delas chegarem e que a gente tinha que continuar batalhando pelo nosso lugar, pela nossa vaga, tanto quanto antes. Isso nos motivou para continuar (Atleta sub 16 F).

Nesta idade tem esse negócio de 'panelinha' e quando você vê que o teu grupo não consegue vencer e você não entende por que. Poderia ganhar facilmente de uma equipe porque tecnicamente, fisicamente é melhor, mas psicologicamente é uma equipe que está em um momento complicado. Então temos que trabalhar o tempo inteiro com tudo isso (Treinador A).

Nas díades de atividade conjunta, estabelecidas entre as atletas e os treinadores, observou-se que estes, apesar de, na maioria das ocasiões, buscarem centralizar as decisões em seu favor, exercendo firmemente o controle do processo ensino-aprendizagem-treinamento, procuram, dentro do possível ou em algumas situações, manter díades de equilíbrio dinâmico de poder, deixando que suas atletas também deem contribuições importantes para sua formação.

Eu acho que o nosso treinador dá valor para umas e não dá valor para outras, ele tem dois pesos e duas medidas com as atletas e eu acho que isso é muito injusto. Eu já comentei isso com ele várias vezes, porque eu sou uma pessoa de falar as coisas e ele sempre dá desculpa, sempre foge do assunto. Então eu deixo ele lá no canto dele, se ele acha que está certo, tudo bem. Eu tenho a minha opinião (Atleta sub 16 F).

Eu e a nossa treinadora, quando estamos só eu e ela, não é uma conversa de atleta para técnica. É mais uma conversa de amigas. Eu a tenho como uma amiga mais velha. Tudo o que tem relação com o time, se acontece alguma coisa, eu comento com ela. É uma relação bem aberta. [...]. É bem legal, eu gosto bastante da amizade dela, do jeito que ela me trata. Não é só como atleta, é como amiga também (Atleta sub 18 D).

Apesar dos relatos negativos sobre as díades de equilíbrio dinâmico de poder, observa-se a prevalência de díades positivas de atividade conjunta de reciprocidade e de afetividade. Devido às ligações emocional e de cumplicidade que são estabelecidas, na maioria dos casos, as relações são extrapoladas para díades primárias, as quais

também influenciam a rotina de vida social dessas jogadoras. A relação das atletas entre si e entre atletas e treinadores, para além das quadras esportivas, e percebida como a constituição de uma família, é vista como fundamental para o sucesso do clube. Nesse sentido, 19 jogadoras indicaram que suas amizades no convívio social são predominantemente estabelecidas com as próprias colegas de equipe, as quais são também suas colegas de escola. Além disso, enquanto sete delas informaram que suas companhias mesclam-se entre o basquetebol e outras esferas da vida social, apenas cinco declararam possuir amizades, fora das quadras, somente com pessoas externas ao seu convívio esportivo.

As atividades que as atletas costumam realizar em companhia das colegas de clube, no tempo fora dos treinamentos e da escola, envolvem tanto a prática esportiva (basquete e outras modalidades) quanto passeios e festas (passear, lanchar, jantar em restaurantes, *shows*, festas noturnas, cinema, *shopping*, boliche, brincar em piscinas). As díades afetivas são intensificadas pelo costume que as atletas possuem de frequentar a casa umas das outras, em pequenos grupos ou entre a equipe toda, para dormir, assistir filmes e jantar. Essa união das atletas entre si e delas com seus treinadores parece influenciar, na visão destes indivíduos, o sucesso alcançado como equipe.

Eu convido as meninas e nós viemos jogar basquete, futebol, vôlei (Atleta sub 13 H).

Vamos para as baladas juntas, para o cinema, para o centro e até estudamos juntas, o que favorece positivamente nosso elo de amizade (Atleta sub 18 A).

Costumamos ir uma na casa da outra, fazemos brigadeiro, pipoca, mate doce, assistimos filme e colocamos a fofoca em dia (Atleta sub 18 A).

Reunir o time todo para fazer um 'posão', todo mundo dormindo junto e conversando até de madrugada. Combinamos de fazer janta, ficamos lá dançando, até os pais vão junto para comer, para ficar brincando, jogar truco (Atleta sub 18 B).

Engraçado que do mirim até os dias atuais foram muitos anos de muitas mudanças físicas e psicológicas nelas e eu acompanhei todas essas mudanças. Então eu acho que elas assim como eu as tenho como família, elas me tem quase que como uma segunda mãe e essa questão forte que a gente tem de união que eu acredito que fez a equipe dar certo (Treinadora B).

A cumplicidade relatada tanto pelas atletas quanto pelos treinadores, em torno das díades de afetividade e reciprocidade, revela que estes sujeitos acreditam na união do grupo, dentro e fora de quadra, resultando na história de sucesso do clube em competições de categorias de base no estado de Santa Catarina, bem como na formação positiva de atletas de basquetebol. Para implementar estes achados, foi enfatizada a importância da representação dos papéis sociais manifestados no contexto do esporte.

Papéis sociais experienciados no ambiente esportivo

No que se refere ao papel social percebido por atletas e por treinadores, observa-se que as atletas se veem e são vistas por seus treinadores como jogadoras que, apesar de estarem em processo formativo, necessitam assumir uma postura profissional e apresentar determinado nível de rendimento esportivo. Por sua vez, os treinadores são vistos e se percebem em uma mescla de treinadores exigentes, educadores e pais.

As atletas mais experientes são vistas por elas mesmas e por seus treinadores no papel de atletas profissionais, enquanto as novatas se percebem como atletas ainda em formação, situação em que o prazer pela prática esportiva e o convívio com as colegas se mostram superiores ao compromisso e à responsabilidade. Contudo, apesar de as atletas iniciantes se perceberem ainda em uma fase mais lúdica e em busca do prazer pela prática esportiva, um dos treinadores destaca que, embora valorize as características dessa fase, busca, desde cedo, incutir em suas jogadoras algumas posturas que ele valoriza para futuras atletas de rendimento.

A gente não pega puxado igual às meninas porque a gente é nova (Atleta sub 13 E).

O basquete já passou de um hobby para mim, mas também não é aquela coisa profissional. É uma coisa que eu faço por prazer, por satisfação própria. Eu gosto e me faz bem. Me deixa feliz (Atleta sub 13 C).

Inicialmente o esporte era apenas uma diversão, um lazer, mas hoje em dia é um compromisso, praticamente uma profissão, no qual passamos a ter maiores responsabilidades tanto com a modalidade quanto com o grupo. [...] É claro, na hora de brincar, zuar, nós brincamos e zuamos umas com as outras, mas na hora que temos que levar os treinamentos e conversas a sério, tudo é muito profissional, tudo tem que ter a sua hora (Atleta sub 18 A).

Significa a minha vida, minha vida, sem ele eu não estaria vivendo dessa forma, eu não estaria vivendo nesse local, nessas circunstâncias. Então é a minha vida, o meu sustento, o meu pão de cada dia, a minha profissão (Atleta sub 18 G).

Eu já vou tratando elas como se fossem atletas. São mini atletas, mas elas já possuem o tratamento de atletas. Apesar de serem crianças elas não têm aquela regalia de sair no meio do treino para ir ao banheiro, 'professora estou cansada, preciso tomar água', 'não, você vai tomar água quando eu disser que você vai tomar água'. Elas já vão sendo cobradas realmente como atletas (Treinadora B).

Algumas atletas enfatizam a preocupação em demonstrar aos pais, especialmente em momento de competição, que elas conseguiram alcançar o rendimento esperado para uma atleta, muitas vezes, profissional, ou seja, além do esperado para sua idade e nível de experiência. No entanto, elas próprias reconhecem que esta é uma visão que elas acreditam que os familiares possuem, mas não necessariamente o que eles revelam esperar delas. Por outro lado, as atletas mais experientes informaram perceber que seus pais exigem delas o melhor rendimento que uma jogadora pode ter.

Tenho medo de decepcionar eles. Eu acho que é mais medo meu de decepcionar eles, eu sinto que eu os decepciono, mas eles não me cobram. Eu não sei. Parece que eles investiram em mim (Atleta sub 13 C).

Meu pai cobra. Minha mãe não. Minha mãe não importa as circunstâncias me apoia, meu pai se eu entro em uma bola e não entro muito firme, ele já me xinga. Sempre me cobra, sempre está em cima, sempre está em cima, dizendo que eu tenho que melhorar (Atleta sub 16 A).

Eu não gosto muito porque se eu faço algo de errado, eles ficam pegando no pé. Meu pai fica assoviando para eu acertar o lance livre ou a minha mãe fica gritando [...]. Eu acho que eles têm direito de me cobrar. Às vezes é chato, eu não gosto, eu perco a paciência com eles de tanto que eles me cobram (Atleta sub 16 F).

Os treinadores se percebem - e suas atletas confirmam - que eles possuem tanto um papel de treinador, que deve ser exigente para que elas evoluam individual e coletivamente, quanto de educador, que deve ensinar posturas éticas e contribuir com a formação de cidadãos. Além disso, possuem o papel de familiar (pai/mãe) que está presente para auxiliá-las em questões esportivas e/ou pessoais.

[...] é uma técnica muito qualificada, exigente e que cobra resultado, por este motivo separamos as coisas, treino é treino. Tem hora para ser levado a sério e hora de brincar.[...] Posso dizer, que temos uma relação familiar, como de mãe e filha (Atleta sub 18 A).

Ela cobra bastante de nós e com razão. Ela está sempre buscando o nosso melhor, porque ela sabe do nosso potencial e ela também sabe que ela não pode se acomodar nas competições que a gente está ganhando. Ela sempre busca mais e mais, está sempre trazendo coisa nova, exercício novo, jogada nova junto com o auxiliar. Eu a acho bem dedicada e sempre bem esforçada (Atleta sub 18 B).

A gente sempre preza por melhorar e, para melhorar, a exigência tem que aumentar. No entanto, eu acho que deixa bastante a desejar para ser uma equipe de alto nível, mas a gente tem conseguido bons resultados mesmo assim. A exigência, eu acho, que poderia, na minha forma de ver, poderia ser maior [...]. Além de técnico, a gente é professor e tem que ver todo este lado, da questão da educação, da questão da postura (Treinador A).

As informações obtidas revelam, assim, que dependendo da maturidade pessoal e das experiências esportivas, as atletas se veem e percebem seus treinadores com diferentes papéis sociais a serem exercidos no contexto esportivo, permitindo que o processo de treinamento e competição seja visto de forma razoavelmente exigente, inter- e intrapessoalmente.

Discussão

As limitações encontradas nesta investigação giram em torno da representatividade esportiva do grupo investigado no cenário brasileiro; do não atingimento de todas as atletas do clube, incluindo-se aquelas que participam dos treinamentos, mas não são selecionadas para as equipes competitivas; e da não observação direta das sessões de treinamento para comparação com as declarações dos entrevistados. Todavia, destaca-se que a necessidade de seleção de um grupo ocorreu em virtude do tempo dispendido para realização, transcrição e análise das entrevistas, bem como a opção pela realização somente de entrevistas ocorreu no intuito de valorizar a opinião e o olhar dos principais envolvidos sobre o processo. Além disso, destaca-se que a não representatividade do grupo investigado no cenário esportivo brasileiro (atletas em formação e contexto competitivo catarinense), apesar de a maioria participar de campeonatos de base promovidos pela CBB, visa a valorizar e a ampliar investigações que revelem o panorama da formação de atletas do basquetebol brasileiro, fomentando e valorizando a formação de novas gerações em todo o território nacional e não somente nos estados reconhecidos como grandes centros de formação desta modalidade.

O quadro teórico sobre o desenvolvimento de carreiras esportivas claramente aponta a importância do contexto de sua ocorrência, enfatizando-se que os fatores influenciadores do desenvolvimento atlético estão focados, principalmente, no microsistema em que ele ocorre¹². O primeiro elemento do microsistema analisado foram as atividades molares presentes no processo de formação esportiva. As atividades molares são consideradas um dos aspectos mais importantes, imediatos e significativos no processo de desenvolvimento humano ocorrido em um microsistema, uma vez que elas englobam requisitos e características do ambiente que provocam, instigam e transformam esse processo. Tais atividades são compreendidas como ações contínuas, que ocorrem durante um determinado período, sendo “[...] reconhecidas e identificadas como significativas e intencionais pelas pessoas envolvidas no ambiente”²⁴ (p. 79). Nesta perspectiva, Bronfenbrenner² ressalta que uma atividade molar é um comportamento de continuidade que possui tanto uma persistência ao longo do tempo quanto um significado ou uma importância para a pessoa em desenvolvimento e para as outras pessoas presentes no ambiente imediato.

As informações obtidas na investigação revelaram que as atividades molares, em termos de persistência temporal, estão respaldadas pelo planejamento e pela organização das sessões de treinamento pelos treinadores. A elaboração do planejamento é, sem dúvida, uma das tarefas mais importantes de uma temporada esportiva, estabelecendo-se marcas que acabam servindo de referência quando barreiras podem obrigar a revisão do caminho traçado. Além disso, é importante salientar que, mesmo havendo uma competição mais importante como foco de determinado ano, o treinador deve enxergar a temporada amplamente, pois somente com o desenvolvimento criterioso do trabalho físico, técnico, tático e a integração entre eles é que se conseguirá com maior probabilidade alcançar o sucesso almejado²⁵.

A organização das sessões de treinamento ministradas pelos treinadores possui como segmento do treino uma estrutura básica²⁶: conversas iniciais, aquecimento com bola (ou sem, em algumas exceções), fundamentação técnica (fundamento individual, combinação de fundamentos), fundamentação técnico-tática (estruturas funcionais), fundamentação tática (jogadas pré-estabelecidas) e competição (jogo formal). Essas informações se assemelham à

indicação de Collet et al.²⁷ sobre as progressões que parecem ser estruturadas, inicialmente, de forma segmentada, para abordar individualmente as ações técnicas do jogo simplificada. Há o intuito de, posteriormente, combiná-las em exercícios que articulem a execução técnica de dois ou mais fundamentos, até se chegar aos aspectos táticos e sua aplicação em situações de jogo, com aumento progressivo da complexidade. Neste contexto, Lima, Martins-Costa e Greco²⁸ enfatizam que a sequência das atividades realizadas durante os treinamentos, focadas na padronização, que iniciam com a realização de exercícios de fundamentos individuais ou combinação de fundamentos e terminam com o jogo coletivo, parecem indicar a predominância, não necessariamente a exclusividade, da utilização do método analítico de ensino dos esportes. Investigações de contextos de treinamento de diversas modalidades esportivas também têm verificado a presença de segmentos do treino pautados, principalmente, em conversas com o treinador, alongamento, aquecimento com ou sem bola, treinamento físico, treinamento técnico, treinamento tático e jogo^{26,28,29}.

Os resultados obtidos neste estudo evidenciaram ainda que as atividades molares vivenciadas pelas atletas de basquetebol correspondem tanto ao treinamento físico quanto ao treinamento técnico-tático, possuindo ambos persistência temporal e significado para treinadores e atletas. No que se refere à persistência temporal, destaca-se que as sessões de treinamento priorizam inicialmente a preparação técnica, progredindo para a preparação tática e competitiva. Em termos de significado atribuído às atividades propostas, revelou-se que as atletas apreciam participar de exercícios de preparação técnica e, principalmente, de jogos coletivos ou amistosos (atividades competitivas), além de considerarem a preparação física e a fundamentação tática fundamentais para o sucesso do processo de formação esportiva.

De modo contrário ao identificado neste estudo, o enfoque atribuído ao treinamento técnico e tático^{26,29,30,31,32,33} indistintamente foi visualizado em estudos realizados no basquetebol, no voleibol e no futsal, enquanto a ênfase unicamente na fundamentação tática³⁴ ou técnica^{28,30,35,36} foi vislumbrada em pesquisas no futsal, no voleibol e no basquetebol. Por sua vez, evidencia-se que a ênfase atribuída pelos treinadores a um determinado conteúdo, de acordo com o momento da temporada vivenciado pelas equipes, também foi vislumbrada no processo de formação esportiva de atletas de categorias de formação do futsal³³, no qual se constatou que as atividades de aprimoramento de um determinado elemento técnico apresentam maior ênfase no período preparatório, enquanto as atividades de jogadas pré-estabelecidas e jogo condicionado (tática coletiva) tornam-se mais consistentes no período competitivo. Neste cenário, observa-se que, tradicionalmente, as atividades que privilegiam o aperfeiçoamento do gesto técnico (aprimoramento da técnica individual) são priorizadas no período preparatório, enquanto no período competitivo costumam-se realizar atividades mais voltadas para os treinamentos tático e competitivo³³.

As variações de jogo pouco mencionadas pelas atletas como atividades preferidas (significado atribuído), mas enfatizadas pelos treinadores nos treinamentos (persistência temporal), correspondem ao que Oliveira e Paes³⁷ classificam como situações de jogo (simulação de situações reais de jogo em momentos isolados - 1x1, 2x2, 3x3, 2x1, 3x2). A ideia desses ‘jogos situacionais’ se apoia em oportunizar que os atletas pratiquem o esporte desde uma situação real, incentivando-os a jogarem com diferentes estruturas funcionais que envolvam igualdade, inferioridade ou superioridade numérica³⁸.

Ao ampliar o olhar das atividades molares para as relações interpessoais, reconhece-se que as equipes esportivas compreendem um ambiente de significativo impacto para o desenvolvimento infanto-juvenil, formando não apenas atletas com bons desempenhos técnicos, mas também grupos com capacidade de fortalecer seus relacionamentos⁵ e elucidando que o apoio social pode ser percebido como um fator de risco ou de proteção para o desenvolvimento esportivo⁹. Nesta perspectiva, destaca-se que o segundo elemento do microsistema esportivo analisado foram as relações interpessoais estabelecidas no Clube de Basquete. Bronfenbrenner e Morris⁴ reconhecem

que, para se desenvolver intelectual, emocional, social e moralmente, requer-se da pessoa em desenvolvimento a participação em atividades recíprocas progressivamente mais complexas e durante um período estável de tempo com uma ou mais pessoas que desenvolvam com ela uma conexão poderosa e mútua. Para Bronfenbrenner^{1,2} sempre que uma pessoa prestar atenção às atividades de outra, ou delas participar conjuntamente, existirá uma relação interpessoal, denominada de díade (observacional, de atividade conjunta, primária). Neste caso, as estruturas interpessoais refletem que, em ecologia humana, a unidade básica de análise é uma díade, ou seja, um sistema de duas pessoas³⁹.

No contexto esportivo investigado, as relações interpessoais são percebidas pelos participantes (treinadores e atletas) como fundamentais para o sucesso do microsistema no cenário esportivo do qual fazem parte, evidenciando-se que tanto as díades observacionais quanto as de atividade conjunta (recíproca, de atividade conjunta, equilíbrio de poder) e as primárias se fazem presentes, influenciando no processo de desenvolvimento das jovens atletas. A observação e a admiração inicial entre as atletas têm permitido o fortalecimento dessas relações e sua ampliação para relacionamentos conjuntos de reciprocidade, afetividade e cumplicidade. Tal constatação corrobora a afirmativa de Krebs⁴⁰ sobre as relações interpessoais se apresentarem em uma hierarquia de três níveis. No primeiro nível, as relações interpessoais não envolvem ativamente as pessoas que participam da mesma atividade, mas uma observação entre elas. Para que se evolua para o segundo nível, é necessário haver reciprocidade, equilíbrio de poder e afetividade na participação conjunta entre os envolvidos. No terceiro nível, a relação continua existindo, mesmo quando uma das pessoas não está presente, constituindo-se, assim, as relações primárias.

Uma díade observacional acontece, de acordo com Bronfenbrenner e Morris⁴, quando um indivíduo presta cuidadosa e continuamente atenção à atividade de outra pessoa, a qual reconhece, no mínimo, o interesse demonstrado por aquela. A díade observacional foi fortemente constatada quando da preocupação das atletas iniciantes em assistir aos jogos das colegas mais experientes, tentando evoluir na modalidade a partir desta observação, assim como as atletas com maior tempo e nível de experiência esportiva sabem desse interesse de aprendizagem das novatas e buscam contribuir de alguma forma com o processo de desenvolvimento esportivo delas. Para tanto, as declarações sobre o acompanhamento dos jogos, como forma de aprendizagem, reforçam que, muitas vezes, as atletas iniciantes veem as mais experientes como ‘espelhos’ e buscam aprender e evoluir no esporte, por meio dessa observação.

Investigações realizadas em outros contextos esportivos (basquete e ginástica rítmica) também revelaram que atletas mais avançadas, ou com nível técnico superior, tendem a atrair a atenção das demais e que crianças e adolescentes das categorias menores costumam assistir aos jogos, especialmente, das equipes profissionais, em seus respectivos clubes^{11,41,42}, ou seja, atletas com maior experiência, especialmente os de elite, costumam servir como grupo de referência para atletas novatos^{12,13}. Neste contexto, Silva⁴¹ comenta que o termo ‘espelho’, tradicionalmente utilizado no cenário esportivo, refere-se a uma expressão utilizada coloquialmente para representar uma referência a ser observada ou um modelo a ser seguido.

Tais informações refletem a indicação de Bronfenbrenner² sobre o ato de prestar atenção à ação de outras pessoas se configurar como um processo de desenvolvimento significativo, por se constituir em uma das condições necessárias para a aprendizagem observacional. Neste caso, para verificação da ocorrência, ou não, desta aprendizagem, pode-se prestar atenção se a pessoa em desenvolvimento tenta, posteriormente, executar as atividades que viu os outros realizarem. Além disso, Montagner⁴³ complementa que, por meio da observação e da imitação, as crianças também aprendem esportes, haja vista que esta ação de observar e imitar encontra no meio cultural e nas relações entre os indivíduos elementos essenciais para a aprendizagem esportiva.

O avanço de díades de observação para díades de atividade conjunta vivenciadas pelas atletas de basquetebol também reflete uma das hipóteses elaboradas por Bronfenbrenner²: quando duas pessoas prestam atenção recíproca às

atividades uma da outra, torna-se provável que acabem se empenhando juntas nessas atividades. Desta forma, as díades observacionais se transformam, conseqüentemente, em díades de atividade conjunta. Enfatiza-se assim que a cooperação, principalmente entre as atletas, parece refletir a preocupação de crianças e jovens em ajudar seus companheiros, em apoiá-los diante dos erros cometidos, em encorajá-los a tentar de novo, em colaborar para o alcance do mesmo objetivo, em agir em conformidade com o que é importante para o grupo, não pensando apenas em si mesmo⁵.

Nesse *continuum* existente nas relações interpessoais, conforme os participantes se envolvem em suas interações, é muito provável que demonstrem sentimentos mais profundos em relação um ao outro. Tais sentimentos podem ser mutuamente positivos, negativos, ambivalentes ou assimétricos². As informações obtidas revelaram que as díades de atividade conjunta são fortemente marcadas pela reciprocidade e pela afetividade positiva, uma vez que atletas e treinadores acreditam que a relação entre eles é pautada na amizade e na união e que estes sentimentos os levam a se perceberem como membros de uma família e, conseqüentemente, fazem com que eles alcancem os resultados individuais e coletivos positivos almejados.

A relação dentro do grupo esportivo encarada como muito boa (relacionamento positivo apoiado na união de grupo e apoio mútuo), com capacidade para criar e fortalecer amizades também foi visualizada como fundamental no percurso esportivo de jovens atletas de futebol em Portugal¹⁴. De modo similar, estudo realizado com a seleção brasileira de voleibol masculino revelou que, para atletas de alto nível, a amizade e a união do grupo se apresentam como aspectos positivos do relacionamento entre os atletas⁸. Além disso, a priorização por amizades no grupo esportivo e a dificuldade de manutenção de amizades fora do esporte, devido especialmente à quantidade de tempo dispendido a treinamentos e competições também foram visualizadas junto a atletas de elite da vela dinamarquesa¹².

A união e o comprometimento, enfatizados pelos envolvidos, evidenciam uma facilidade em se conseguir o estabelecimento de um novo tipo de relacionamento entre estas pessoas, as díades primárias. Para Bronfenbrenner², quando duas pessoas participam de uma atividade conjunta, é provável que acabem desenvolvendo sentimentos mais diferenciados e duradouros, em que as díades de atividade conjunta tendem a se transformar com mais facilidade em díades primárias. Stefanello⁵ também defende que uma díade primária se apresenta como o tipo mais duradouro de relação interpessoal, exercendo uma força poderosa sobre a motivação para a aprendizagem e sobre a orientação do desenvolvimento humano, tanto na presença quanto na ausência da outra pessoa. Além disso, torna-se mais provável que a criança adquira habilidades, conhecimentos e valores que sejam transmitidos por alguém com quem ela tenha estabelecido uma díade primária do que com alguém que só exista para esta criança quando ambos estão presentes no mesmo ambiente. Brandão⁸ enfatiza que o estabelecimento de díades primárias, entre atletas e treinadores, com interações predominantes de relacionamento emocional positivo, tende a aumentar o grau de poder do técnico frente ao grupo, fazendo com que o exercício deste ocorra com mais facilidade e que os membros do grupo se engajem em atividades conjuntas mais significativas, duradouras e complexas.

Por outro lado, dentre as díades de atividade conjunta, observou-se que, na maioria das vezes, o estabelecimento de díades de equilíbrio de poder entre atletas iniciantes e experientes, bem como entre atletas e treinadores se afastaram da propositiva de Bronfenbrenner², de que situação ótima para a aprendizagem e o desenvolvimento de uma pessoa é aquela em que o equilíbrio do poder gradualmente se altera em favor da pessoa em desenvolvimento, ou seja, quando a pessoa recebe crescentes oportunidades de exercer controle sobre a situação vivenciada. De modo similar, investigações no voleibol e no basquetebol também vislumbraram aspectos negativos na relação entre atletas experientes e iniciantes, como cobrança exacerbada e impaciência em momentos de equívocos (erros cometidos), os quais parecem se constituir em uma barreira entre os colegas de equipe^{8,41}.

Para além das atividades e das relações estabelecidas em um microsistema, o curso do desenvolvimento humano pode ser afetado por pessoas com distintos papéis a serem desempenhados neste contexto, os quais influenciam, conseqüentemente, os tipos de atividades e as relações estabelecidas⁵. Nesse sentido, o terceiro elemento do microsistema analisado nesta investigação corresponde aos papéis sociais exercidos pelos envolvidos no ambiente imediato em que estão inseridos. Para Bronfenbrenner², um papel social consiste em uma série de atividades e relações esperadas de uma pessoa que ocupa determinada posição na sociedade e de outros, em relação àquela pessoa. A colocação de uma pessoa em um papel tende a evocar percepções, atividades e padrões de relação interpessoal consistentes com as expectativas associadas àquele papel, na medida em que se referem tanto ao comportamento da pessoa que desempenha o papel quanto ao dos outros em relação a ela.

As evidências relacionadas aos papéis sociais revelaram expectativas de que as atletas desempenhem suas funções nos treinos e nos jogos com seriedade e com o rendimento esperado de atletas profissionais. Contudo, jogadoras iniciantes, apesar de terem esta expectativa, reconhecem que ainda estão em uma fase, cujo prazer pela prática esportiva e convívio com as colegas se apresentam superiores ao sentimento de compromisso e de responsabilidade.

As informações reveladas, principalmente, pelas jogadoras mais experientes reforçam que atletas sentem, em muitas situações, que devem se sobressair esportivamente para satisfazer tanto seus pais quanto seus treinadores. De modo similar, investigação com atletas da seleção brasileira adulta masculina de voleibol também identificou que os jogadores costumam se colocar no papel de 'atletas' que precisam estar congruentes com as expectativas de imprensa, treinadores, familiares e amigos⁸. No entanto, deve-se ter cuidado, pois o resultado disto pode acabar diminuindo a motivação intrínseca, passando a atuação a ser controlada por um fator alheio ao prazer em realizá-la⁵.

Similarmente também à verificação do papel dos treinadores como técnicos exigentes, educadores e pais, Almeida⁴⁴ identificou que o papel de um técnico esportivo deve ser, acima de tudo, o de um educador, um formador de pessoas, sendo essa sua missão primária. Bento⁴⁵ explica que a figura do treinador, seu papel e sua função exercem influência muito forte sobre os princípios, os valores, as orientações e os sentidos de vida de seus atletas. Todavia, estudos desenvolvidos em microsistemas esportivos de formação¹¹ e de alto nível⁸ divulgaram muito mais o papel social dos treinadores como líderes, demonstrando mais a obediência a certa hierarquia entre os papéis dos treinadores e dos atletas do que a presença de outros papéis, como o de professores e familiares, conforme identificado nesta investigação.

Por fim, evidencia-se que os resultados obtidos sobre os papéis sociais de atletas e treinadores na presente investigação confirmam as premissas de Bronfenbrenner², de que o desenvolvimento humano é facilitado pela interação da pessoa em desenvolvimento com pessoas que exercem uma variedade de funções, como também por sua participação em um repertório de papéis sociais cada vez mais amplo. Além disso, a relação estabelecida entre os três elementos do microsistema vislumbra que as díades de atividade conjunta de afetividade positiva e de reciprocidade, bem como a percepção de serem atletas profissionais, as quais necessitam demonstrar rendimento esportivo adequado a este papel social, levam as atletas a se dedicarem individual e coletivamente nas atividades molares que consideram fundamental para o desenvolvimento da carreira esportiva e para o sucesso esportivo coletivo. Assim, tais relações emocionais e de cumplicidade fornecem suporte para superar as exigências das atividades e dos papéis que assumem no microsistema esportivo, além de influenciarem nas atividades molares e nas relações interpessoais estabelecidas em outros microsistemas (escola e família).

Conclusões

As informações apresentadas neste estudo evidenciaram as atividades molares, as relações interpessoais e os papéis sociais presentes no microsistema de desenvolvimento de atletas de basquetebol feminino, revelando que o conjunto e a interação desses elementos têm possibilitado o alcance de sucesso do contexto no processo de formação esportiva.

As atividades molares vivenciadas pelas atletas de basquetebol correspondem tanto ao treinamento físico quanto ao treinamento técnico-tático, possuindo ambos persistência temporal e significado para treinadores e atletas. As relações interpessoais são vistas como de fundamental importância para o sucesso do contexto na formação de jovens atletas, enfatizando que tanto as díades observacionais quanto de atividade conjunta, especialmente as de reciprocidade e afetividade, e primárias se fazem presentes, influenciando no processo de desenvolvimento esportivo.

As evidências relacionadas aos papéis sociais revelaram que as atletas se percebem e reconhecem a demanda advinda de outros sujeitos influentes na sua formação em torno da expectativa que desempenhem seus papéis nos treinamentos e jogos com seriedade e com o rendimento esperado de atletas profissionais. Por sua vez, os treinadores se percebem e são percebidos exercendo três papéis sociais, o de treinador exigente de uma equipe esportiva, o de professor que contribui para a formação de cidadãos e o de familiar que está ao lado das atletas cotidianamente, auxiliando-as em questões tanto esportivas quanto pessoais.

De fato, a formação esportiva está atrelada a fatores intrínsecos e extrínsecos ao clube esportivo, ao mesmo tempo envolvendo atletas e treinadores, em um processo que intercruza as relações interpessoais, o ato de treinar, bem como as ações formais que poderão permitir a constituição de uma carreira esportiva. A continuidade das investigações sobre esta temática é recomendada, não apenas por sua potencial contribuição à formação de atletas profissionais, mas, principalmente, por seu importante papel no desenvolvimento de valores e princípios de vida, bem como de percepções e comportamentos positivos do atleta em sua relação com o esporte ao longo de sua existência. Neste sentido, acredita-se que a produção crescente de evidências a este respeito auxiliará na construção de ambientes de prática esportiva cada vez mais acolhedores, em que tanto familiares quanto treinadores e dirigentes de clubes esportivos sejam capazes de trabalhar em regime de colaboração para potencializar aos atletas se desenvolverem positiva e prazerosamente por meio do esporte. Para tanto, sugere-se que estas investigações busquem mesclar a análise de entrevistas com a observação das sessões de treinamento, assim como ampliem o olhar sobre os contextos investigativos (clubes esportivos, prefeituras, clubes socioesportivos, entidades sociais, entre outros).

Agradecimentos

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio financeiro.

Referências

1. Bronfenbrenner U. *The ecology of human development: experiments by nature and design*. Cambridge (UK): Harvard University Press; 1979.
2. Bronfenbrenner U. *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre (RS): Artes médicas; 1996.
3. Bronfenbrenner U, Ceci SJ. Nature-nurture reconceptualized in developmental perspective: a bioecological modelo. *Psychol Rev.* 1994; 101: 568-586.
4. Bronfenbrenner U, Morris PA. The ecology of developmental process. In: Damon W, Lerner RM, organizers. *Handbook of child psychology: theoretical models of human development*. New York (NY): John Wiley; 1998. p. 993-1028.

5. Stefanello JMF. A participação da criança no desporto competitivo: uma operacionalização e verificação empírica da proposta teórica de Urie Bronfenbrenner. [Tese de Doutorado]. Coimbra: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da UC; 1999.
6. Krebs RJ. Proximal processes as the primary engines of development. *Int J Sport Psychol.* 2009; 40: 219-227.
7. Vieira JLL. O processo de abandono de talentos do atletismo do estado do Paraná: um estudo orientado pela teoria dos sistemas ecológicos. [Tese de Doutorado]. Santa Maria: Centro de Educação Física e Desportos da UFSM; 1999.
8. Brandão MRF. Equipe nacional de voleibol masculino: um perfil sócio-psicológico à luz da ecologia do desenvolvimento humano. [Dissertação de Mestrado]. Santa Maria: Centro de Educação Física e Desportos da UFSM; 1996.
9. Fontes RCC, Brandão MRF. A resiliência no âmbito esportivo: uma perspectiva bioecológica do desenvolvimento humano. *Motriz.* 2013; 19: 151-159.
10. Souza VH. Iniciação esportiva no basquetebol: uma análise à luz do modelo bioecológico do desenvolvimento humano. [Dissertação de Mestrado]. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Educação Física da USJT; 2010.
11. Botti M, Nascimento JV. The teaching-learning-training process in rhythmic gymnastics supported by the ecological theory. *Sci Gymnastics J.* 2011; 3: 35-48.
12. Henriksen K, Stambulova N, Roessler KK. Holistic approach to athletic talent development environments: a successful sailing milieu. *Psychol Sport Exercise.* 2010; 11: 212-222.
13. Henriksen K, Stambulova N, Roessler KK. Riding the wave of an expert: a successful talent development environment in Kayaking. *Sport Psychol.* 2011; 25: 341-362.
14. Domingues MP, Cavichioli F, Gonçalves CE. Perspectiva ecológica na determinação de percursos desportivos contrastantes em jovens futebolistas. *Rev Bras Educ Fís Esporte.* 2014; 28: 249-261.
15. Rother RL. Análise da formação de atletas no voleibol brasileiro sob a perspectiva da teoria bioecológica do desenvolvimento humano. [Dissertação de Mestrado]. Lajeado: Centro Universitário da UNIVATES; 2014.
16. Folle A, Nascimento JV, Souza ER. Estrutura e finalidades do ambiente esportivo: estudo de caso em clube de basquetebol feminino. *R Bras Ci e Mov.* 2015; 23: 23-37.
17. Rother RL, Mejia MRG. Análise da aplicabilidade da teoria bioecológica do desenvolvimento humano no esporte a partir de uma revisão bibliográfica. *Cad Pedagog.* 2015; 12: 210-222.
18. Ato M, López JJ, Benavente A. Un sistema de clasificación de los diseños de investigación en Psicología. *Anales de Psicología.* 2013; 29: 1038-1059.
19. Günther H. Pesquisa qualitativa *versus* pesquisa quantitativa: esta é a questão? *Psicol Teor Pesqui.* 2006; 22: 201-210.
20. Viveiros L, Moreira A, Bishop D, Aoki MS. Ciência do Esporte no Brasil: reflexões sobre o desenvolvimento das pesquisas, o cenário atual e as perspectivas futuras. *Rev Bras Educ Fís Esporte.* 2015; 29: 163-175.
21. Santana JP, Koller SH. Introdução à abordagem ecológica do desenvolvimento humano nos estudos com crianças e adolescentes em situação de rua. In: Koller SH, organizador. *Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil.* São Paulo (SP): Casa do Psicólogo; 2004. p. 113-123.
22. Campos CJG. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Rev Bras Enferm.* 2004; 57: 611-614.
23. Guizzo BS, Krzimirskic CO, Oliveira DLLC. O *software* QSR Nvivo 2.0 na análise qualitativa de dados: ferramenta para a pesquisa em ciências humanas e da saúde. *Rev Gaúcha Enferm.* 2003; 24: 53-60.
24. Polonia AC, Dessen MA, Silva NLP. O modelo bioecológico de Bronfenbrenner: contribuições para o desenvolvimento humano. In: Dessen MA, Costa Junior AL, organizadores. *A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras.* Porto Alegre (RS): ARTMED; 2005. p. 71-89.
25. Bizzocchi C. E. Planejamento em esportes coletivos. In: De Rose Junior D, organizer. *Modalidades esportivas coletivas.* Rio de Janeiro (RJ): Guanabara Koogan; 2006. p. 90-112.
26. Saad MA. A formação técnico-tática de jogadores de futsal nas categorias sub-13 e sub-15: análise do processo de ensino-aprendizagem-treinamento. [Tese de Doutorado]. Florianópolis: Centro de Desportos da UFSC; 2012.
27. Collet C, Nascimento JV, Ramos MHKP, Donegá AL. Processo ensino-aprendizagem-treinamento no voleibol infantil masculino em Santa Catarina. *Rev Educ Fís UEM.* 2007; 18: 147-159.

28. Lima COV, Martins-Costa HC, Greco PJ. Relação entre o processo ensino-aprendizagem-treinamento e o desenvolvimento do conhecimento tático no voleibol. *Rev Bras Educ Fís Esporte*. 2011; 25: 251-261.
29. Morales JCP, Silva EG, Matias CJAS, Reis RA, Greco PJ. Processo de ensino-aprendizagem-treinamento no minibasquetebol. *Fit Perform J*. 2009; 8: 349-359.
30. Alonso MC, Godoy SJI. La planificación de los contenidos de entrenamiento de baloncesto en equipos de iniciación. *Rev Cienc Deporte*. 2010; 6: 49-65.
31. Costa HCM, Lima COV, Matias CJAS, Greco PJ. Efeito do processo de treinamento técnico-tático no nível de conhecimento declarativo de jovens praticantes de voleibol. *Rev Min Educ Fis*. 2007; 15: 5-19.
32. Saad MA, Nascimento JV, Both J, Milistetd M. Impacto das metodologias empregadas pelos treinadores no desenvolvimento técnico-tático individual dos jogadores de futsal das categorias sub-13 e sub-15. *Rev Bras Cienc Mov*. 2014; 22: 96-105.
33. Saad MA, Ramos V, Milistetd M, Both J, Nascimento JV. Estrutura das sessões de treinamento técnico-tático de equipes de futsal sub-13 e sub-15 ao longo da temporada esportiva. *Rev Bras Futsal e Futebol*. 2015; 7: p. 360-365.
34. Cañadas M, Ibáñez SJ, García J, Parejo I, Feu S. Importância de la planificación em el entrenamiento deportivo: análisis del processo de entrenamiento em minibasket. *Wanceulen EF Digital*. 2010; 7: 51-64.
35. Saad MA. Estruturação das sessões de treinamento técnico-tático nos escalões de formação do futsal. [Dissertação de Mestrado]. Florianópolis: Centro de Desportos da UFSC; 2002.
36. CañadasM, Ibáñez SJ, Feu S, García J, Parejo I. Análisis de los medios de entrenamiento en un equipo minibasket y la influencia de un programa formativo para el entrenador: un estudio de caso. *Ágora para la EF y el Deporte*. 2011; 3: 363-382.
37. Oliveira V, Paes RR. A pedagogia do esporte repensando o treinamento técnico-tático nos jogos desportivos coletivos. In: Paes RR, Balbino HF, organizadores. *Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas*. Rio de Janeiro (RJ): Guanabara Koogan; 2012. p. 63-77.
38. Greco PB, Benda RN. Iniciação aos esportes coletivos: uma escola da bola para crianças e adolescentes. In: De Rose Junior D, organizador. *Modalidades esportivas coletivas*. Rio de Janeiro (RJ): Guanabara Koogan; 2006. p. 181-193.
39. Krebs RJ. *Urie Bronfenbrenner e a ecologia do desenvolvimento humano*. Santa Maria (RS): Casa; 1995.
40. Krebs RJ. A criança e o esporte: reflexões sustentadas pela teoria dos sistemas ecológicos. In: Krebs RJ, Copetti F, Beltrame TS, Pinto RF, organizadores. *Os processos desenvolvimentais na infância*. Belém (PA): GTR; 2003. p. 91-104.
41. Silva YPG. *Pedagogia do esporte: um estudo sobre as inter-relações entre a iniciação esportiva e o esporte profissional. O caso do basquetebol feminino do Estado de São Paulo na visão do técnico*. [Dissertação de Mestrado]. Campinas: Faculdade de Educação Física da UNICAMP; 2009.
42. Galatti LG. *Esporte e clube sócio-esportivo: percurso, contextos e perspectivas a partir de um estudo de caso em clube esportivo espanhol*. [Tese de Doutorado]. Campinas: Faculdade de Educação Física da UNICAMP; 2010.
43. Montagner PC. *A formação do jovem e a pedagogia da aprendizagem esportiva*. [Tese de Doutorado]. Campinas: Faculdade de Educação Física da UNICAMP; 1999.
44. Almeida MB. *Basquetebol: iniciação*. Rio de Janeiro (RJ): Sprint; 2002.
45. Bento JO. Da pedagogia do desporto. In: Tani G, Bento JO, Petersen RDS, organizadores. *Pedagogia do desporto*. Rio de Janeiro (RJ): Guanabara Koogan; 2006. p. 26-40.